

O BOI E A MÁSCARA: Imaginário, Contemporaneidade e Espetacularidade nas brincadeiras de Boi de São Caetano de Odivelas – Pará, de Sílvia Sueli S. da Silva.*

Graça Veloso¹

Gostaria de iniciar estas minhas considerações fazendo meus agradecimentos ao convite. À doutoranda Sílvia Sueli Santos da Silva, à orientadora, querida professoradoura Susana Martins e ao DINTER UFBA/UFPA, pela oportunidade de compor esta banca com o Prof. Dr. José Afonso Medeiros, com o Prof. Dr. João de Jesus Paes Loureiro e com meu querido Prof. Dr. Armindo Jorge de Carvalho Bião, que, além de se tornar meu referencial acadêmico, a partir de uma carinhosa orientação de mestrado e doutorado, também se tornou referência de vida. A todas e todos, minha gratidão.

* Parecer apresentado na defesa de tese de doutorado da aluna Sílvia Sueli S. da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da UFBA.

¹ Graça Veloso (Jorge das Graças Veloso), é doutor em artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), professor Adjunto na Universidade de Brasília, docente no Programa de Pós-Graduação em Artes da UnB, ator, encenador e dramaturgo.



Pirrô (Pierrô)/ São Caetano de Odivelas - Pará. Fotografia: Sílvia Silva, 2009.

Pela importância que vejo no trabalho de Sílvia, eu gostaria de destacar dois pontos, que me fizeram refletir muito nos últimos dias. O primeiro me é muito caro, pois ele me traduz muito do que tenho refletido sobre aquilo que considero os melhores aspectos da Etnocologia: o respeito à





Pirrôs (Pierrôs)/ São Caetano de Odivelas - Pará. Fotografia: Sílvia Silva, 2009.

diversidade, ao outro, o reconhecimento da alteridade como referencial do melhor viver. Aspectos esses que somente se consolidam por aquilo que é fundante dessa nova disciplina, os diálogos com os diversos campos dos saberes humanos.

Impossível se pensar na construção de um melhor viver, na contemporaneidade, sem se levar em consideração aquilo que nos mais é precioso: a relação com a alteridade, o reconhecimento da relação com o Outro como referência.

Já o segundo ponto me conduz a vários questionamentos sobre aspectos que tenho considerado como problematizações expostas na contemporaneidade, relacionadas a algumas contradições com as quais convivemos exatamente como consequência desses diálogos. E são contradições que percebo também na fala de Sílvia.

Vamos então a esses dois aspectos:

O primeiro aspecto que considero mais importante de toda a fala de Sílvia está representado no primeiro parágrafo da pág. 25, quando ela comenta sobre o quanto é imprescindível o discurso dos participantes do Boi de São Caetano

de Odivelas. Esta é uma demonstração, principalmente, do caráter de respeito que esta compreensão tem, tanto para com o objeto/sujeito da pesquisa, quanto para com o universo teórico-metodológico da etnocologia. Aqui, Sílvia nos encaminha para possibilidades que considero muito preciosas de seu trabalho. Nessa fala de Sílvia, eu percebo todo o cuidado com que ela trata seu objeto, ou melhor, seu “sujeito” de pesquisa. Ao tratar os participantes do Boi de Odivelas com este caráter de respeito, vejo aqui um de nossos princípios fundantes: o diálogo, sem submissão ou imposição. Lembro-me sempre com muita alegria de Carlos Rodrigues Brandão, em minha banca de doutoramento, comentar sobre a importância que ele dava a esta capacidade que ele percebia em nosso universo etnocológico. Uma capacidade de dar valor àquilo que, em muitos campos da academia não são reconhecidos como válidos, incluindo aí as falas de determinados atores sociais: os mitos e diversos escritos não canonizados ou não referenciados em correntes teóricas. E isto, eu me lembro, me deixou muito feliz na época, pois comungava com uma fala de Maffesoli, que me é muito cara. Aquela em que ele diz ser o universo das práticas ordinárias, dos comuns, a verdadeira oxigenação da vida.



O boi Tinga rodeado pelas crianças em um intervalo da brincadeira. Fotografia: Sílvia Silva, 2009.

Já o segundo ponto que destaquei para comentar, me leva a pontuar aquilo que considero como passível de uma reflexão sobre algumas contradições com as quais convivemos na contemporaneidade. São aspectos com os quais somos levados



Grupo de Pirrôs (Pierrôs)/ São Caetano de Odivelas - Pará. Fotografia: Sílvia Silva, 2009.

diariamente a conviver, e que, pela defesa apaixonada de alguns, não nos permitimos parar para fazer um questionamento mais aprofundado. Como, por exemplo, os questionamentos levantados por Idelete Muzart Fonseca dos Santos para a utiliza-

ção do termo Cultura Popular. Num dos capítulos de seu precioso trabalho *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*, ela faz um belo questionamento sobre a utilização desse conceito.

Como Sílvia trabalha sua tese por essa perspectiva, pela ideia de que seu objeto/sujeito de pesquisa está no universo da “Cultura Popular”, em alguns momentos de sua escrita aparecem exatamente as consequências das contradições que esta utilização provoca. Senão vejamos:

Eu considero que, a partir do universo teórico metodológico da Etnocologia, nenhuma das segregações sugeridas pelo termo “popular”, mesmo se usado como maneira de se sustentar um discurso de respeito e de reconhecimento de um tipo de produção, cabe mais. Começando pelo conceito utilizado por Sílvia, sustentado em Bakhtin. Quando Bakhtin fala de uma estrutura paralela da vida pública que se desenvolve em todas as sociedades,



Pirrô (Pierrô)/ São Caetano de Odivelas - Pará. Fotografia: Sílvia Silva, 2009.





Pequeno cabeçudo/ São Caetano de Odivelas - Pará. Fotografia: Silvia Silva, 2009.

independente de padrões e modelos oficiais, eu me pergunto: existiriam mesmo padrões e modelos oficiais em algum lugar deste nosso Ocidente? Não estaríamos submetidos, hoje, muito mais às forças das circunstâncias das relações que propriamente a um padrão oficial? Continuando: nas diversas mídias, sejam os seus suportes os televisivos ou os virtuais das nets, não estaríamos convivendo com misturas e hibridizações que negam totalmente essas separações? Em programas televisivos, convivemos com Faustões que mostram cantores líricos e intérpretes de funk, sertanejo ou axé, com o mesmo patamar de valorações, tanto para sua produção quanto para seus espectadores. Não sei há quanto tempo nós assistimos ao sucesso estrondoso dos shows gravados ao vivo por tenores e cantores inseridos na indústria do entretenimento. Nas nets, dançarinos de hip-hop emocionam plateias e quebram recordes de visitas, dançando, à sua ma-

neira, a morte do cisne. Marliete, artista da argila, do alto do Moura, seguidora de Mestre Vitalino, tem sua obra inserida em catálogos de artes visuais de alcance mundial. Se pensarmos nas divisões por classe de poder aquisitivo, é verdade que ainda temos a exceção dos estertores de discursos de alguns arte-educadores. São os que falam das artes canonizadas pelo mercado dos colecionadores como sendo patrimônio da humanidade, como se os saberes dos anônimos também não fossem. Mas, ao mesmo tempo, vivemos a realidade da educação multiculturalista (com todos os seus riscos, é verdade!) para contrapô-los. Já nem falo do universo acadêmico... com exceção também de alguns nichos de discursos elitistas, não consigo mais enxergar essa separação. A manutenção das festas tradicionais, hoje, com todo o significado que podemos enxergar na retraditionalização, passa sempre pelos diálogos entre diversas camadas sociais. A indústria do entretenimento, sustentada pelos mais ricos, também sustenta as tradições, em diálogos permanentes com seus fazedores. Nas festas dos detentores das riquezas econômicas, os momentos de maior

movimentação e de maior integração entre os participantes são aqueles em que são executadas as músicas inseridas no universo dos funks, hip-hop



O boi Faceiro rodeado pelas crianças em um intervalo da brincadeira. Fotografia: Silvia Silva, 2009.



Cabeçudo dança com Pirrôs antes da saída do boi Faceiro. Fotografia: Sílvia Silva, 2009.

e das músicas chamadas de “dor de cotovelo” ou “bregas”. Assim são denominadas as músicas mais românticas para identificar cantores que não têm escrúpulos em cantar, explicitamente, sentimentos que extrapolam divisões intelectuais ou de classes.

Eu fico então me perguntando: onde está a separação que sustentaria a continuidade da utilização desse termo “popular”? Não temos mais culturas separadas por adjetivações, mas temos sim, Culturas. Só Culturas.



Buchudo/ São Caetano de Odivelas - Pará Sílvia Silva, 2009.



Grupo de Pirrôs (Pierrôs)/ São Caetano de Odivelas - Pará..
Fotografia: Sílvia Silva, 2009.

